

## NOTÍCIA: A FLUIDEZ DE UM GÊNERO

Pollyanna Honorata SILVA  
Mariana Batista do Nascimento SILVA

Escola de Educação Básica - ESEBA/UFU  
pollyhs@uol.com.br/mariletras@yahoo.com.br

**RESUMO:** Percebemos que o gênero notícia nem sempre se configura de uma maneira prototípica, conforme postulam muitos manuais de redação e estilo de jornalismo e os livros didáticos que se propõem a ensinar tal gênero. Além disso, devemos considerar as transmutações deste gênero em meio virtual, ou seja, as diferenças decorrentes do suporte de leitura em que será veiculado. Este trabalho pretende apresentar algumas problemáticas em torno da definição do gênero notícia, bem como discutir algumas implicações pedagógicas decorrentes disso, tomando como referencial teórico Bakhtin (1997), Travaglia (2003) e Marcuschi (2003). Dessa forma, mesmo nas notícias mais prototípicas, ainda percebemos que muitas características de superestrutura textual possuem variações e às vezes não aparecem na superfície do texto. Em notícias online, estas variações do gênero se ressaltam. Diante dessa fluidez do gênero notícia a que os alunos estão expostos no cotidiano, que postura deve ter o professor ao avaliar uma notícia que foi produzida sem sub-título (que pode ou não aparecer), ou uma notícia em que o lead se desenvolve ao longo do corpo da notícia e não no primeiro parágrafo? Essas são questões sobre as quais pretendemos refletir, bem como apontar algumas direções de resposta.

**Palavras-chave:** notícia; suporte; ensino.

### 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO NOTÍCIA

Antes de refletirmos sobre o ensino do gênero notícia, é preciso deixar claro o conceito desse gênero assumido nesse trabalho, que se difere do que é geralmente apresentado nos livros didáticos. Acreditamos que a notícia nem sempre se realiza de maneira típica e pode se realizar de várias maneiras, que aqui denominamos de várias faces da notícia – as quais são deixadas de fora do processo de ensino/aprendizagem.

Assumindo a notícia como o gênero jornalístico por excelência, ou seja, aquele que mais ocorre nos jornais e revistas e do qual são derivados outros gêneros (que neste trabalho caracterizamos como espécies de notícia), apresentaremos uma proposta de definição de notícia considerando sua função sociocomunicativa (Travaglia 2003) e suas características de estrutura composicional, estilo verbal e de conteúdo (conforme aponta Bakhtin, 1997).

Estamos partindo do pressuposto de que a notícia revela a tipificação de ações sociais produzidas por jornalistas no exercício de sua profissão, conforme conceito de gênero proposto por Bazerman (2005). O ato de fala (locucionário) realizado pela publicação de uma notícia, tendo em mente o objetivo de todo meio de comunicação e o compromisso ético-profissional dos jornalistas, é informar os leitores sobre o que está acontecendo em sua cidade, região, país e no mundo.

Segundo Medina, J. (2001), notícia é o registro puro dos fatos; no dicionário Houaiss da língua portuguesa, temos as seguintes acepções para o termo notícia (com grifo nosso):

1 informação a respeito de **acontecimento novo**, de mudanças **recentes** em alguma situação, ou do estado em que se encontra algo; nova, novidade Ex.: <tenho boas n. para lhe contar> <você teve alguma n. sobre a promoção dele?> 2 **conhecimento** do paradeiro ou da situação de alguém Ex.: não teve mais n. do amigo 3 recordação, lembrança Ex.: não conseguia eliminar da mente a n. do acidente 4 nota, apontamento Ex.: os inspetores tomaram n. das deficiências da instituição 5 escrito  **sintético** sobre um assunto qualquer 6 nota  **histórica**; biografia 7 Rubrica: jornalismo.  **relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais**, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista etc (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006).

Percebemos que as definições acima nos mostram alguns aspectos da notícia: a) sua vinculação à novidade (itens 1 e 7); b) o fato de através desse gênero termos conhecimento de algo ou alguém (itens 2, 3 e 4); c) sua extensão (item 5); d) seu caráter histórico (item 6).

Nos manuais de redação e estilo publicados por jornais, não encontramos uma definição da notícia como gênero, mas dicas de como escrever uma notícia (uso de “lead”, investigação dos fatos, objetividade, etc).

Quanto ao seu  **conteúdo**, portanto, a notícia se caracteriza pelo fato de dar a conhecer aos leitores fatos e acontecimentos tanto atuais como mais remotos (notícia histórica), seja de uma maneira mais breve (através das notas) ou mais extensa. Não relacionamos, portanto, a notícia apenas a novidades, pois temos também notícias sobre acontecimentos não tão recentes e de caráter não tão inusitado, como ocorre na espécie de notícia aqui nomeada  *fait-divers*, em que podemos ter relato de fatos mais “fúteis”, tendo em mente acontecimentos históricos e políticos.

Delimitamos, assim, como  **função sociocomunicativa** da notícia: estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimento novos ou mais remotos (tanto no âmbito regional quanto nacional e mundial), informando a população sobre algo ou alguém; refletindo, assim, a ação social dos jornalistas que se refere ao compromisso ético e profissional de transmitir informações.

Embora alguns autores diferenciem notícia de reportagem, consideramos que toda reportagem é uma notícia, porém, mais elaborada. Segundo Lage apud Coimbra (1993, p. 9): “enquanto o primeiro (a notícia) cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, o segundo (reportagem) faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido”. E, ainda, Medina, C. apud Coimbra (1993, p. 9): “o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar”. Diferenciando notícia de reportagem, o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (1990) traz, com grifo nosso:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e conseqüências. A reportagem busca mais:  **partindo da própria notícia**, desenvolve uma seqüência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 67).

Percebemos, portanto, que tanto na conceituação de notícia quanto de reportagem há um fato, um acontecimento, sendo que na segunda esse fato recebe um tratamento mais elaborado, na medida em que há uma investigação maior, o que irá refletir na extensão do

texto e no aparecimento de mais categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986)<sup>1</sup>.

Desse modo, trataremos neste trabalho a reportagem como uma notícia mais elaborada, conceito que é reforçado por Medina, J. (2001, p. 54), quando afirma que a reportagem é o “relato ampliado de um acontecimento. O jornalista vai ao local para apurar o fato”.

Na literatura da Comunicação (textos teóricos e manuais de jornais) não há o esclarecimento da diferença entre notícia e reportagem e os dois termos são tomados como sinônimos, conforme constatamos em Bonini (2003, p. 4): “[...] ainda são pouco conhecidos, em termos acadêmicos, os mecanismos linguísticos/sociais que caracterizam estes gêneros textuais (jornalísticos). (Mesmo a distinção entre notícia e reportagem não é clara)”; “[...] estes manuais tomam a notícia e a reportagem como o mesmo gênero ou uma pela outra”.

Além de ser definida por um conteúdo específico (fato/acontecimento - recente ou não, importante ou “fútil”), a notícia também se caracteriza pela sua organização textual específica ou **estrutura composicional**, a qual permite que a identifiquemos e a distingamos de outros textos, jornalísticos ou não.

Essa organização textual, aqui entendida como superestrutura textual, embora possa sofrer variação e não seja rígida e inflexível ao extremo, confere uma regularidade de forma e conteúdo (já que as categorias estruturais são preenchidas por conteúdos semânticos) ao texto noticioso, tornando possível o seu conhecimento pelas pessoas, quer sejam jornalistas ou não.

Dentre as categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986), aquela que mais identifica, à primeira vista, uma notícia é o Sumário/Resumo, especificamente a Manchete e a Linha Fina (“Headline”). De fato, quando nos deparamos com essas duas categorias, que geralmente possuem uma fonte diferenciada do corpo da notícia, logo fazemos a previsão de que se trata de uma notícia.

Porém, nem sempre isso ocorre, já que encontramos, por exemplo, entrevistas e artigos com Manchete e Linha Fina. Percebemos, portanto, que a categoria “Headline” não é suficiente para a caracterização de uma notícia, como nos mostra o anexo A, o qual não se configura numa notícia, uma vez que seu conteúdo temático não expressa o relato de um fato/acontecimento, novo, contemporâneo ou remoto.

Uma vez que toda notícia deve conter esse relato, ela realiza predominantemente o tipo narrativo, já que o relato de um evento só se dá por meio do narrar, e não do dissertar, do descrever, do argumentar ou da ordem (injunção); embora a narração possa conter descrições, argumentações, dissertações e injunções. Desse modo, a notícia se dá a partir de uma macroproposição que realiza o tipo narrativo, sem o qual não teríamos um relato de um fato/acontecimento, seja numa narração presente, passada ou futura.

Sendo assim, diante de textos que aparentemente configuram-se como notícias, temos que considerar se podemos ou não extrair desses textos um evento/fato, representado por uma macroproposição semântica (a partir de um resumo) predominantemente do tipo narrativo. Caso contrário, não estaremos diante do gênero notícia, mas de outros gêneros quaisquer, haja

---

<sup>1</sup> Segundo esse autor toda notícia possui as seguintes superestruturas textuais: 1) **Summary – Sumário/Resumo**, constituído por duas categorias: “**Headline**”, que é editada no “topo” da notícia, com letra diferenciada do resto do texto (Manchete e Linha Fina), e “**Lead**”, que repete a macroproposição declarada na “headline” e ocorre na primeira sentença ou parágrafo da notícia e deve responder às perguntas Quem? O quê? Onde? Quando? e Como?; 2) **Episódio - Eventos ou Acontecimentos**: Essa é uma categoria bastante complexa, pois pode abranger um ou mais **Evento Principal (EP)** e outros eventos, que aqui chamaremos de **Secundários (ES)**; 3) **Background**: todas as informações relevantes e pertinentes para a compreensão de um evento estão inseridas nessa categoria; 4) **Episódio – Conseqüências**; 5) **Comentário**: essa categoria confere ao texto noticioso uma certa subjetividade, embora se siga o pressuposto de que haja uma opinião impessoal na notícia.

vista a grande dinamicidade e variação que apresentam os gêneros jornalísticos e a difícil distinção da notícia de artigos e espécies de artigos (como resenhas/críticas).

Quanto ao **estilo verbal**, os manuais de redação produzidos pelos jornais são bastante completos, pois trazem várias instruções para a produção do texto jornalístico, que, de modo geral, deve ser objetivo e simples, conforme os trechos abaixo, extraídos das Instruções Gerais do Manual de Redação e Estilo do *Estado de S. Paulo* para a produção de qualquer texto a ser publicado no jornal:

1 – Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias...

2 – Construa períodos com no máximo duas ou três linhas. Os parágrafos, para facilitar a leitura, deverão ter cinco linhas datilografadas, em média, e no máximo oito...

3 – A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico...

4 – Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia...

9 – Em qualquer ocasião, prefira a palavra mais simples: *votar* é sempre melhor que *sufragar* ...

20 – Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos...

43 – Trate de forma impessoal o personagem da notícia, por mais popular que ele seja...

(MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO – O Estado de S. Paulo, 1990, p. 16, 18 e 20).

Nas Instruções Específicas, organizadas por ordem alfabética, temos:

**Palavras e locuções vetadas.** Esta lista inclui as palavras e expressões que o Estado considera antijornalísticas, pernósticas, desnecessárias...: adentrar, aduzir, aeródromo, afazeres, agente da lei, agilização, agilizar...

**Sentido incompleto.** 1 – Os verbos transitivos (diretos e indiretos) pedem sempre complemento. O mesmo ocorre com palavras e expressões que, sozinhas, tornam incompleto o sentido da frase. Veja sempre se o texto que você escreveu não deixa no ar umas destas perguntas: o quê? quem? de quê? do quê?...

**Simplicidade.** A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico... (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 56, 70 e 71).

Numa terceira parte, intitulada “Normas e Estilos Internos”, o Manual traz ainda, por ordem alfabética, uma série de regras gramaticais a serem seguidas e normas de produção de texto levando em consideração a atividade jornalística (recolhimento de informações, consideração do tamanho do texto antes de produzi-lo, etc).

Quanto ao estilo verbal, portanto, a notícia não apresenta nenhuma especificidade significativa, pois suas características de superfície linguística estão relacionadas, de um modo geral, à simplicidade e objetividade, características que não são necessárias nem suficientes para identificarmos um texto noticioso. Estabelecemos, portanto, que uma notícia é definida e identificada a partir das seguintes características e parâmetros de análise, de acordo com Silva (2007):

1. Pertencer à comunidade discursiva jornalística, ou seja, ser produzida, sem qualquer dúvidas, por um jornalista; que possui um conhecimento especializado e produz gêneros específicos para a comunicação interna entre seus parceiros e com seus leitores;

2. Ter o jornal ou a revista como suporte e não como serviço ou canal, na medida em que ambos os meios de comunicação funcionam como fixadores e não como mero divulgadores circunstanciais do gênero;
3. Exercer a função sociocomunicativa de estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e os leitores do jornal/revista, informando a população sobre fatos e acontecimentos atuais ou remotos, importantes ou “fúteis”;
4. Ter como conteúdo o relato de um fato/acontecimento, seja no presente, passado ou futuro;
5. Apresentar uma estrutura composicional que realize no mínimo a categoria de Evento Principal, que é predominantemente do tipo narrativo. (SILVA, 2007, p. 106)

Existem várias formas de realização dessa notícia definida acima, ou seja, existem várias maneiras de realização de um texto que pertence à comunidade discursiva jornalística, exerce a função sociocomunicativa acima, possui o jornal e revista como suportes, realiza, no mínimo, a categoria de Evento Principal e relata um fato/acontecimento.

Desse modo, temos a notícia que aqui chamamos *notícia-conteúdo*, uma espécie de construto teórico elaborado e constituído pelas cinco condições mínimas e necessárias enumeradas acima para a existência do texto noticioso. E temos a *notícia-gênero*, que é a realização da *notícia-conteúdo*, o gênero em si, o texto constituído por signos verbais e não-verbais, perceptível pela visão (já que se trata de texto escrito).

O que existe, o que funciona nas sociedades é a *notícia-gênero*, que apresenta várias faces, várias maneiras de expressão das condições de existência da notícia. Essas faces são consideradas neste trabalho como espécies de notícia, segundo teoria tipológica de Travaglia (2003), já que essas variadas formas de realização do texto noticioso são caracterizadas por diferenças de forma, de realização das categorias da superestrutura e de expressão do EP.

## 2 ESPÉCIES DE NOTÍCIA

### 2.1 Notícia-típica: a notícia-gênero

A face mais típica de notícia, aquela que é citada por teóricos da comunicação e aquela analisada por Van Dijk (1986), é a notícia que realiza todas as categorias propostas por esse linguista, da maneira mais convencional, ou seja, na seguinte ordem de realização: 1. Sumário/Resumo (“Headline” e Lead), 2. Evento Principal, 3. Background, 4. Conseqüências e 5. Comentário.

Essa espécie de notícia, geralmente, desenvolve um tema relacionado à política, (economia, agronegócios, eleições, etc) e tende a realizar primeiro o “Lead” e Evento Principal, embora este geralmente não seja seguido de um “Background”.

Além das categorias de superestrutura, o gênero notícia é composto por vários recursos que auxiliam na transmissão do fato/acontecimento. Esses recursos podem ser: chapéu, intertítulos, esquemas, mapas, imagens, gráficos, tabelas etc. Além disso, as notícias, quando possuem imagens, possuem também uma legenda, que têm “duas funções: descrever a foto, com o verbo de preferência no presente, e também dar uma informação sobre o acontecimento” (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 46).

Esses recursos, que auxiliam no estabelecimento da coerência, são os chamados contextualizadores, que são mais frequentes e diversificados (maior variação de cores e formas) nas revistas e na internet que nos jornais. Segundo Koch & Travaglia (1990):

Os fatores de contextualização são aqueles que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada. Segundo Marcuschi (1983), podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos e os prospectivos ou prospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre, etc, que ajudam a situar o texto e, portanto, estabelecer-lhe a coerência.

(...)

Os fatores prospectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 67).

As notícias de tema cultural, geralmente, realizam a categoria Comentário primeiro, e não o “Lead”. Isso nos mostra o quanto o objetivo sociocomunicativo dos gêneros jornalísticos é importante. Para a divulgação das notícias de tema político, a realização do “Lead” logo no primeiro parágrafo, após a Manchete e Linha Fina, parece ser mais adequada e prender mais a atenção do leitor. Já nas notícias de outros cadernos (Cultura, Esportes, etc), se o Evento Principal for explicitado logo no início, como o lançamento de um livro ou a data e horário de um jogo, o leitor pode não se interessar pelo resto do texto, como os comentários e consequências.

Outra característica dessas notícias de tema cultural é a pouca ocorrência de Consequências e Background, sendo constituídas, basicamente, pela Manchete, Eventos (principais e secundários) e Comentários. Isso pode estar relacionado ao fato de que não parece muito relevante no relato de um lançamento de livro, por exemplo, serem apresentadas as causas desse lançamento ou eventos concomitantes (“background”), ou as possíveis consequências desse evento.

Atendendo à ordem da relevância, portanto, o mais importante nessas notícias é divulgar um livro, uma apresentação teatral, uma obra artística, etc e tecer comentários a respeito do fato divulgado.

Como as notícias de temas político e cultural são as mais recorrentes e aquelas que mais realizam as categorias de superestrutura da notícia de forma convencional, a notícia que aqui chamamos de *notícia-típica* é a *notícia-gênero*, aquela que todo usuário da língua consegue reconhecer como tal e diferenciá-la de outros gêneros.

Como a espécie é uma variação de forma ou conteúdo de um gênero, as outras faces da notícia enumeradas abaixo configuram-se em espécies dessa notícia-gênero, ou seja, correspondem a variações de forma no relato de um fato/acometimento, com a função sociocomunicativa de informar o leitor, estabelecendo a comunicação entre a comunidade discursiva jornalística e seus leitores.

A vasta ocorrência dessas espécies, tanto em jornais quanto em revistas e na internet, comprova que a notícia é o gênero base do jornalismo, haja vista que textos que possuem outra nomeação são, segundo nosso ponto de vista, notícias como aquelas notícias-típicas; porém, com uma organização textual diferente e atendendo às cinco condições de existência de uma notícia.

## 2.2 A Sub-retranca

Segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo (1992), sub-retranca é o texto que é editado na mesma página que uma notícia principal, para a qual traz informações complementares. Desse modo, a sub-retranca, como uma das várias faces da notícia, está sempre vinculada à notícia principal da página em que é editada e possui o formato *Box*,

exercendo a função de desenvolver uma categoria específica da superestrutura do texto noticioso com o qual compartilha o mesmo tema.

Segundo Garcia (2005, p. 32-33), a sub-retranca assemelha-se ao *fait-divers*, “gênero textual que sempre esteve presente no meio jornalístico e é visto como um recurso editorial para chamar a atenção e promover a diversão do público leitor”. Sob essa ótica, a sub-retranca possui um traço de humor e, ao lado de notícias de tema político, pode ser um recurso para o jornal veicular uma ideologia a respeito do assunto sob uma pretensa objetividade.

Porém, em nossa análise, percebemos que a sub-retranca nem sempre constitui-se de um texto caracterizado pelo humor e é editada também em outros cadernos que não o de tema político (como de esportes, cultura, etc).

Portanto, a sub-retranca aqui é entendida como uma notícia paralela a uma notícia principal, da qual realiza uma categoria específica como “Background” ou Comentário, geralmente em uma configuração específica, como o formato *Box* e a presença de título e, menos recorrente, de chapéu.

Essa definição se confirma em Van Dijk (1986), que postula a existência de um texto que realiza categorias de um outro texto noticioso, como o Editorial, que, segundo o autor, é responsável pela categoria de Comentários, inserindo as expectativas e avaliações do jornal a respeito de um ou mais eventos.

Como a *sub-retranca* é aqui proposta como uma das faces da notícia ou uma espécie vinculada ao gênero notícia e ao tipo narrativo, é também um texto noticioso, pois dele extraímos um fato/acontecimento, porém em um formato gráfico diferente da *notícia-típica* ou *notíciagênero*.

Como desenvolve uma categoria específica da notícia à qual está vinculada, a *sub-retranca* possui o mesmo fato da notícia principal, texto este com o qual possui estreita relação semântica e que é indispensável para o estabelecimento da coerência na *sub-retranca*. É exemplo desse tipo de notícia o anexo B.

Quanto às características da sub-retranca, é importante ressaltar que nem sempre é editada em *Box* e pode conter linha fina. Do mesmo modo, um texto pode parecer uma sub-retranca, pela disposição gráfica em *Box*, mas na verdade é uma notícia principal, pois não compartilha um tema com outra notícia, da qual realiza uma categoria de superestrutura.

### 2.3 Chamada

A Chamada, segundo Medina, J. (2001, p. 54), é um “resumo da notícia colocado na primeira página ou na capa de um caderno, com esclarecimentos sobre a seção ou página em que pode ser lida.”

Desse modo, a Chamada alerta os leitores sobre os principais textos do jornal, tudo aquilo que o editor da capa do jornal, seja a página 1 ou a capa de cadernos, considera ser importante, de destaque. Embora os teóricos da Comunicação se refiram basicamente ao jornal, as chamadas também ocorrem nas revistas.

As Chamadas são uma espécie de notícia porque relatam, embora resumidamente, um fato/acontecimento, além de atenderem aos outros critérios de definição de notícia; diferenciando-se da *notícia-típica* pela sua localização (sempre nas capas das revistas, dos jornais ou dos cadernos destes), pela presença de imagem (embora não em todos os casos) e por conter a indicação, ao final, da localização da notícia anunciada.

Pelo fato de terem também a função de chamar a atenção do leitor para vários fatos e acontecimentos, as chamadas são bastante breves e, geralmente, são constituídas de um título ou Manchete (com menos recorrência há uma Linha Fina e/ou Chapéu).

Esse gênero talvez seja o mais variável dos jornalísticos, na medida em que encontramos desde Chamadas bastante breves, apenas com Manchete e Evento Principal, como aquelas mais elaboradas, com Manchete, Linha fina, Evento Principal, detalhes do Evento Principal, Evento Secundário, Comentário e Consequência. Há também “Frases” que funcionam como chamadas (embora nessas chamadas, geralmente, não apareça a indicação da página em que se encontra a notícia).

A primeira página mostra-se bastante flexível, revelando o caráter de constante transformação dos gêneros e sua relação com as mais diversas atividades e interesses sociais. Não há uma forma fixa para a construção da capa de um jornal/revista, podem aparecer textos e gêneros diversos, desde que atendam à necessidade de chamar a atenção do leitor para um determinado assunto.

Percebemos, na análise de texto-legenda (que será abordado adiante), o quanto os gêneros, principalmente os jornalísticos, são flexíveis, ou seja, podem assumir funções diferentes e configurarem-se em outros gêneros.

Percebemos, também, a importância de todo o contexto de comunicação e de critérios que consideram esse contexto para conseguirmos realizar uma classificação de gêneros. Quando os texto-legendas funcionam como chamadas, geralmente, possuem menor extensão, haja vista a brevidade necessária aos textos da capa.

As Chamadas não podem ser produzidas por não-jornalistas e, geralmente, há um profissional (editor de capa) responsável pela leitura de todo o conteúdo do jornal/revista e elaboração desse gênero.

## 2.4 Notas e *Fait-divers*

Segundo o Novo Manual de Redação da FSP (1992), *fait-divers* refere-se a notas e notícias atrativas para o leitor. Temos, nesse conceito, a noção central desse texto: seu caráter atrativo, de novidade.

Para Garcia (2005, p. 33), o *fait-divers* chama a atenção pelo seu “caráter inusitado ou contraditório das relações humanas em algumas circunstâncias, expostas, aparentemente, sem nada de implícito, para serem consumidas pelo leitor mais como uma curiosidade do que acréscimo de informação”. Esse conceito reforça o caráter de novidade do *fait-divers* e acrescenta outra noção: a de futilidade, uma espécie de curiosidade desnecessária.

Essa categoria de texto, de caráter inusitado e pouca relevância, apresenta uma extensão bastante curta, constituindo-se em pequenos textos reunidos numa seção específica sob um título ou vários subtítulos.

Desse modo, o que chamamos de *fait-divers* refere-se a pequenas notícias que dão a conhecer um fato/acontecimento bastante novo, interessante e um tanto fútil, tendo em mente fatos políticos, econômicos e sociais que dizem respeito às diretrizes políticas de uma determinada região.

Porém, admitimos que esse conteúdo possa aparecer, também, num texto maior, um relato de um fato/acontecimento inusitado com grande atrativo para o leitor, uma espécie de “fofoca institucionalizada”<sup>2</sup>, mas essas notícias ou “grandes” *fait-divers* são encontradas em revistas especializadas em curiosidades sobre celebridades, como *Caras* e *Contigo*.

Além do *fait-divers*, constatamos também a existência de pequenas notícias, publicadas em seções específicas e com títulos ou sub-títulos, porém, com conteúdo diferente,

---

<sup>2</sup> Termo citado pelo professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, em comunicação em sala de aula, no curso de Mestrado em Linguística, Uberlândia, MG, set. 2005.

não tão inusitado e não satisfazendo uma curiosidade; mas um conteúdo que expressa o relato de um fato/acometimento político ou econômico, por exemplo.

A essa categoria de texto, que corresponde a outra espécie de notícia, chamamos de **nota**, que corresponde, a grosso modo, a uma notícia-típica de pequena extensão e publicada em seções específicas e com títulos ou sub-títulos.

Segundo Silva (2007) embora haja notas e *fait-divers* em seções e cadernos específicos, esses textos não possuem um lugar de ocorrência muito fixo, pois podem ser editados em qualquer caderno ou em qualquer espaço das revistas, geralmente em conjunto, sobre um mesmo tema, ou com um tema geral e subtemas mais específicos, que dividem e agrupam os textos em um mesmo assunto.

Quanto à superestrutura, esses textos têm sempre uma Manchete ou título (às vezes um subtítulo) e, geralmente, realizam as categorias de “Lead”, Evento principal, Evento Secundário, Comentário e Consequências, seguindo a ordem proposta por Van Dijk (1986) que segue o princípio da relevância. Porém, podemos ter notas e *fait-divers* que se iniciam com o “Lead” e Evento Principal, com Comentário e com “Background”.

## 2.5 Texto-legenda

O Manual de Redação e estilo do Estado de S. Paulo (1990) traz o seguinte conceito para o verbete texto-legenda:

Como é ao mesmo tempo, uma notícia e uma legenda, deve, por isso, descrever a fotografia e relatar o fato ao leitor, em linguagem direta e objetiva. Recomenda-se que o texto-legenda preencha de três a cinco linhas de lauda. Em casos excepcionais, admite-se um pouco mais e, raramente, menos. Não existe parágrafo no texto-legenda, nem inicial nem intermediário. O ideal é que o texto-legenda contenha pelo menos duas frases, a primeira descritiva e a segunda, complementar e informativa. Como título, reproduza algum pormenor da notícia ou mesmo a sintetize (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 74-75).

Apesar de o Manual recomendar, nem sempre os textos-legendas possuem títulos.

## 3 A NOTÍCIA NA INTERNET

Se nas notícias impressas o gênero é bastante fluido e apresenta muitas variações, conforme abordamos acima, no meio virtual essa fluidez acentua-se mais ainda, principalmente em decorrência das possibilidades de constituição do gênero oferecidas pelo suporte da internet.

O ambiente virtual permite ao jornalista a inserção de vários links com informações adicionais sobre a notícia (“background”), comentários (geralmente em vídeos), mapas que podem ser ampliados e uma série de outros recursos que funcionam como elementos contextualizadores.

Diante disso, o corpo da notícia em si tende a ser mais curto, uma vez que as notícias da internet seguem o princípio desse meio virtual de rapidez e agilidade da informação. Há, portanto, pouca informação além do que é relatado no título e às vezes sub-título, como ocorre nas notícias intituladas “notícias de última hora” em alguns sites.

Em decorrência dessa brevidade, as notícias online não trazem, geralmente, o lead desenvolvido em todos os aspectos (o quê? quem? quando? onde? como? e por quê?), já que as respostas a essas perguntas vão se estabelecendo a partir dos links e das outras notícias sobre o mesmo tema que surgem rapidamente a cada minuto. Essa notícia é, portanto, mais fragmentada em relação à estrutura composicional de uma notícia típica impressa. Uma característica que aparece na quase totalidade dos textos online é a data acima do corpo da notícia, e não no primeiro parágrafo, compondo o lead.

Quando ao estilo verbal, a notícia online apresenta uma linguagem que varia muito de acordo com o jornal ou site em que é veiculada, variando do mais para o menos coloquial. Porém, assim como no jornal impresso, não há um nível elevado de formalidade, por mais “sério” que seja o site que a publica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se percebemos que a notícia não é muito rígida em relação à sua superestrutura composicional, apresentando uma série de variações, como deve ser o papel do professor diante das seguintes questões:

1. Os vários tipos de notícia devem ser ensinados para o aluno, uma vez que é o que de fato ocorre na sociedade? Como operacionalizar esse ensino? Algum tipo deve ser privilegiado?
2. As diferenças entre a notícia impressa e a virtual estão sendo expostas para o aluno?
3. O aluno está sendo penalizado em decorrência do não explicitamento das variações que a notícia pode sofrer?
4. Que tipo de notícia é cobrado do aluno em processos seletivos como concursos e vestibulares?

Não temos, aqui, respostas efetivas a todas essas perguntas, porém, um ensino mais produtivo parece ser aquele centrado no uso da língua, no processo de interação verbal, conforme aponta Bakhtin (1997). Se partirmos do uso da língua para ensinarmos nossos alunos, temos, sim, que considerar os vários tipos de notícia que existem e circulam na sociedade e com os quais os alunos têm contato no seu dia-a-dia.

Porém, o que geralmente ocorre é o ensino apenas da notícia típica, o que percebemos pela abordagem que os livros didáticos trazem desse gênero, apresentando a notícia de uma forma prototípica e desconsiderando suas variações, tanto no jornal impresso quanto no ambiente virtual.

Acreditamos que uma postura simples do professor, como mostrar aos alunos os vários tipos de notícia, fazendo as diferenciações decorrentes do suporte em que são veiculadas e do objetivo do jornal/caderno (notícia impressa), pode propiciar um ensino que evidencie o real funcionamento da língua e, conseqüentemente, do gênero. O que o aluno precisa saber é que tipo de notícia ele deve produzir, dependendo da situação de comunicação em que ele está ou possa vir a estar inserido.

## 5 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratechi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONINI, Aldair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso, Florianópolis**, v. 4, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em <<http://br.geocities.com/adbonini/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em: 19 nov. 2006.
- GARCIA, Cladir Costa Gabriel. **A política do riso e o riso da política – a argumentatividade na expressão do humor no discurso jornalístico**. Tese (Doutorado) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo, 1992.
- KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, I. V. **A coesão textual**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.
- MARCUSCHI, L.A. Questão do Suporte dos Gêneros Textuais, **Outras Palavras 1**, João Pessoa, UFPB, 2003. No prelo.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo, 1990.
- SILVA, Pollyanna H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 225 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa. **Língua Portuguesa e Ensino**. São Paulo: Cortez, EDUC, 2003. No prelo.
- VAN DIJK, Teun A. News schemata. In: COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds). **Studying writing: linguistic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.

# Anexo A

F12 | FEMININO  
SExta-feira, 26 de Novembro de 2005 | O ESTADO DE SÃO PAULO

## Liberdade com limites

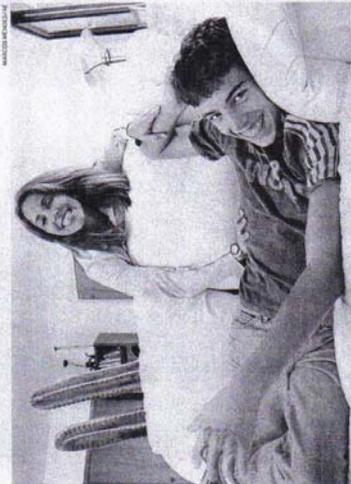
### Vigilância cerrada é prisão e liberdade em excesso vira negligência. Como agir com os filhos adolescentes?

#### EDUCAÇÃO

Vera Fiori

Cabida, de 17 anos, não sabe mais a sua mãe, Karina (nome fictício), o segue em shoppings, lanchonetes, cinemas, restaurantes e lojas. Ela é a protagonista da turma, não importa se a balada acabou às 3 ou às 10h. O seu medo é que ele traga para casa alguma coisa. O problema não é o filho, mas a mãe.

Mas desconfiança e vigilância excessivas, como no caso acima, não são uma invenção de primeira mão. Segundo a psicóloga e escritora Luciani Tibi, que acaba de lançar o livro *Adolescentes: Quem sou, Educar!* (Insignare Editora, R\$ 39,90), sempre que os pais estabelecem regras, extrapolando ver ou ouvir no caso de uma situação que foge a uma regra, já no caso oposto, se vai mal na



NEW ADULTS NEW BETTER - A apresentadora Luciani Tibi faz acordos com o filho Thomas, de 14 anos

#### BOAS DICAS

Muitas mães gostariam de ter o emprego de Luciani Tibi. No programa *Novas Mães*, ela dá dicas na TV Cultura, a apresentadora recebe renomados educadores, que debatem assuntos ligados ao universo infanto-juvenil em casa. "Segundo ela, não adianta tratar os adolescentes como bebês e nem fazer tudo o que eles pedem, mas sim estabelecer limites. Ela lembra, por exemplo, da vez em que Thomas, de 14 anos, chegou em casa com um dinheiro escondido e ela não conseguiu fazer nada para tirá-lo de casa. "Foi uma coisa dura. Tive a repercussão financeira a pior, a continuação foi trágica", ela lembra. Ela também se oferece para ajudar a pagar o comentário.

#### Luciani Tibi diz que se deve estimular a responsabilidade desde a infância

Truando o episódio do curso, Luciani não tem do que reclamar. Ela lembra que, quando criança, ela não tinha dinheiro para comprar coisas proibidas, assim como ensinar a programar, a fazer o trabalho de casa de amigos e em hotéis que tinham a supervisão de adultos. Deixo que volte de lá? Para mostrar que tem autonomia, ela lembra que, quando criança, ela sempre se arriscava - se tirava pelo círculo de amizade do filho, segundo ela, ajuda e muito

de isso é negligência. "Mas nem sempre os problemas são vistos, e cabe à família lidar nas entrelinhas. "Frases como 'beber demais', 'dilara', 'fisco' com alguém, enquanto o filho ou filha segue de pé, juntos que se divertem, mas não sabem o que estão fazendo. É preciso estabelecer limites com amigos que usam drogas ou bebem", alerta o psiquiatra. Embora em seu consultório ele não possa contar com os melhores amigos dos filhos, ele não pode contar com os pais, sob risco de perdê-los a au-

## Anexo B

**SAÚDE** *Paciente morreu no local na semana passada após hidrolipoaspiração*  
**Clínica de estética é interdita em SP**

FERNANDA BASSETTE  
 FABIANE LEITE

DA REPORTAGEM LOCAL

Técnicos da Vigilância Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde interditaram ontem a clínica de estética do médico Bruno Molinari, em São Paulo. O fechamento aconteceu cinco dias depois da morte da advogada Silvana Maria Turine Augusto, 37, após se submeter a uma hidrolipoaspiração no local. Molinari também mantém clínicas no Rio e Salvador.

Segundo a vigilância, a clínica não tem pias para realizar adequadamente a higienização, guarda medicamentos vencidos, não tem equipe de controle de infecção hospitalar e o centro cirúrgico não é adaptado.

A polícia também encontrou medicamentos vencidos na semana passada, um deles inutilizado desde abril deste ano. Quando os policiais chegaram, o local já estava organizado, e limpo, segundo o

**Médico diz que procedimento não é cirurgia**

DA REPORTAGEM LOCAL

Em nota enviada à reportagem, o médico Bruno Molinari afirma que o procedimento de hidrolipoaspiração é "reconhecido" pela Sociedade Brasileira de Medicina Estética como "procedimento estético", e não cirúrgico.

Na semana passada, quando a paciente de Molinari morreu

após passar pela técnica, a sociedade informou que este tipo de abordagem não é reconhecido pela entidade. Ontem reiterou a informação.

Segundo Wilmar Accursio, secretário-geral da sociedade, médicos usam o nome hidrolipoaspiração para convencer os pacientes de que se trata de uma técnica "mais leve". Mas, na verdade, trata-se de uma lipos aspiração que, pelas recomendações oficiais, deveria ser feita somente por cirurgiões —Molinari não tem título na área de cirurgia, segundo currículo enviado à reportagem.

delegado Maurício Del Trono Grosche. Foram recolhidas anotações sobre o atendimento em que Silvana informou ser alérgica à sulfá, substância presente em alguns tipos de antibiótico.

Segundo o depoimento de Molinari à polícia e as declarações do médico que o auxiliou, a paciente teve seis convulsões no local, recebeu um calmante e oxigênio, e foi levada em carro particular até o

hospital Santa Rita. Em nota oficial, o hospital afirma que ela chegou morta. Molinari contesta e diz que ela ainda estava viva.

Molinari diz ainda, também por nota oficial, que o endocrinologista Filippo Pedrinola prescreveu uma série de remédios para Silvana, como drogas psiquiátricas, fitoterápicos, diuréticos, hormônios e uma droga desconhecida, chamada "hoida". Molinari, porém, afirma que a paciente omitiu isso e que só soube dos remédios depois da morte, pela família.

Em nota, Pedrinola afirma que receitou medicamentos "leves" e que recomendou exercícios.

O conselho de medicina do Estado de São Paulo abriu uma investigação sobre o caso. A polícia ainda não tem previsão sobre o término do laudo sobre a morte. "Hoje não podemos falar que houve negligência", afirmou o delegado. Para ele, também "é prematuro" relacionar a morte com o uso abusivo de remédios.